ENFRENTANDO A COLONIALIDADE DOS SABERES NO ENSINO DE HISTÓRIA: O CURRÍCULO PLURINACIONAL BOLIVIANO EM QUESTÃO

Carina Silva Cambui (PIC/UEM), Jean Carlos Moreno (Orientador). E-mail: ra139788@uem.br.
Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Maringá, PR.

Ciências Humanas / **História**

Palavras-chave: Ensino de História; Currículos; Bolívia

RESUMO

Este trabalho analisa o Currículo Base do Sistema Educativo Plurinacional da Bolívia e sua relação com a perspectiva decolonial no ensino de História. A partir de pesquisa documental, evidencia-se o deslocamento da centralidade europeia e a valorização das histórias, saberes e experiências dos povos indígenas. Conclui-se que o currículo boliviano contribui para romper com a hegemonia eurocêntrica e fortalecer outras narrativas históricas.

INTRODUÇÃO

O eurocentrismo estabelece a Europa como referência universal de civilidade, progresso e modernidade, construindo uma hierarquia entre culturas. Essa perspectiva imposta no contexto colonial, legitimou processos de subordinação e permaneceu nas estruturas simbólicas, educativas e políticas, contribuindo para a invisibilização de outras epistemologias, memórias e modos de vida. Esse processo, ultrapassa o colonialismo e permanece estruturando as relações de poder e de conhecimento (Quijano, 2005). Na educação, manifesta-se pela colonialidade do saber, que privilegia conhecimentos de matriz europeia em detrimento de outras formas de produção do conhecimento.

Assim, alunas e alunos latino-americanos não reconhecem suas próprias trajetórias históricas, fragilizando sua autopercepção identitária e dificultando a historicização do presente e a projeção de futuros a partir de referências próprias. Acumulam-se conhecimentos desconectados do contexto cultural latino-americano, carentes de significação e distantes do potencial emancipatório da educação. Dessa forma, faz-se necessária a revisão das concepções consolidadas de currículo, para que o ensino de História supere fragilidades da memória, supra carências de orientação e produza sentido aos educandos, como evidencia o processo de reestruturação curricular da educação boliviana, fundamentado na valorização de outras epistemologias, sujeitos e experiências históricas.

O Currículo Base boliviano, produzido no contexto de um longo processo de debates e mobilizações sociais, é entendido nesta pesquisa como uma tentativa de resposta a esta situação. Ele integra o novo *Modelo Educativo Sociocomunitario*

Productivo, que emerge a partir da promulgação da Lei Avelino Siñani - Elizardo Pérez (Lei nº 070/2010). Sua proposta busca valorizar diferentes epistemologias e formas de produzir conhecimento que, historicamente, foram marginalizadas, contribuindo para romper com a hierarquização que privilegiava o conhecimento eurocêntrico. Pergunta-se, então, como ele é estruturado e que formas e narrativas históricas constrói com o intuito de enfrentar e superar a colonialidade.

MATERIAIS E MÉTODOS

Os currículos são pensados a partir das mais diversas teorias, são elas que organizam os diferentes conhecimentos, os selecionam e, neste processo, privilegiam determinados conhecimentos em detrimento de outros, hierarquizando saberes. Assim, o currículo prescrito constitui-se como espaço de disputa de poder, no qual se definem os conhecimentos legitimados e as culturas que assumem posição hegemônica.

Em 2012 foi publicado o Currículo Base do Sistema Educativo Plurinacional da Bolívia que estabelece novas bases para a organização dos conhecimentos, orientadas pela descolonização e pela valorização dos saberes e das experiências dos povos indígenas e das diferentes realidades que constituem o Estado.

O Currículo Base é formulado a partir de teorias decoloniais que, segundo Oliveira e Candau (2010), retomando Walsh, ultrapassam a simples superação do colonialismo, constituindo-se também como um processo de construção e criação, voltado à reconstrução radical do ser, do poder e do saber. Objetiva-se recuperar narrativas e conhecimentos dos povos originários, valorizando distintas epistemologias e rompendo com a hierarquização histórica do conhecimento, a dominação e subordinação simbólica e cultural. Nas palavras do próprio documento:

> La condición colonial y neo colonial de la educación se expresaba en la sobrevaloración de lo foráneo en desmedro de las potencialidades internas, imponiendo contenidos enajenantes y descontextualizados que, además de promover la imitación de estereotipo de otras culturas, desarrollaba una mentalidad copista, repetidora y mecanicista (Bolívia , 2012, p. 66).

Dessa maneira, a educação boliviana rompe com as teorias tradicionais que, historicamente, orientam os currículos latino-americanos. No campo da História, essas teorias estão ligadas à historiografia do século XIX, na qual a objetividade e o progresso são metas a serem alcançadas, secundarizando o caráter formador e a subjetividade do aluno. Além disso, numa perspectiva moderna iluminista, os currículos assumem pretensões totalizantes de saber que, ao buscar compreender o todo, reproduzem a cultura dominante por meio das grandes narrativas, tomando a narrativa europeia como sinônimo de uma história universal e silenciando outras perspectivas históricas.

Portanto, a descolonização proposta pelo Currículo Base, contrapõe-se às teorias tradicionais ao questionar a neutralidade e a universalidade do conhecimento e a centralidade atribuída à Europa. Ao reconhecer que a seleção curricular envolve

relações de poder, busca-se deslocar a hegemonia eurocêntrica e legitimar outros saberes, sujeitos e experiências históricas. Desse modo, a teoria decolonial reorienta a seleção e organização dos conhecimentos a partir de outras epistemologias e realidades sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No Currículo Base, a organização dos conhecimentos evidencia a busca por uma abordagem interrelacionada, integrada e complementar, estruturada em 'Campos e Áreas de Saberes' e 'Conhecimentos e Eixos Articuladores', em uma perspectiva holística que recupera o sentido comunitário da educação e a complementaridade com a natureza. No Currículo do Ensino Secundário Comunitário Produtivo, seguindo as diretrizes do Currículo Base e destinado a estudantes de 12 a 18 anos, a História integra a área de Ciências Sociais, pertencente ao Campo "Comunidade e Sociedade".

Neste plano, a descolonização do conhecimento histórico manifesta-se de forma mais expressiva. O próprio uso de termos como "Abya Yala", derivado da língua do povo Kuna, para se referir à América, ou "invasão" para determinar o episódio da chegada dos europeus ao continente revela uma escolha discursiva que desloca a perspectiva europeia e reorienta a narrativa histórica a partir das experiências dos povos que já habitavam o território.

Além disso, a colonização deixa de constituir o marco inaugural da História americana e passa a ser compreendida como um processo histórico que incide sobre sociedades preexistentes. A história do continente é reconstruída e ocupa grande parte do espaço curricular, contemplando, no primeiro ano, por exemplo, o estudo do passado dos Moxos e, no terceiro ano, teorias sobre o povoamento do continente, com estudos sobre seus primeiros habitantes e reflexões acerca de "quem somos" e "de onde viemos", discutindo a origem do Ser Humano e dos Cosmos.

A colonização é retratada pela desestruturação das grandes civilizações da Abya Yala, com a exploração e o genocídio indígena, pondo em destaque as enfermidades introduzidas pelos europeus. Além disso, o currículo enfatiza os processos de resistência e as revoluções anticoloniais indígenas, rompendo com a narrativa das independências centrada nas elites criollas, reconhecendo os movimentos indígenas como estruturantes da identidade nacional.

Por fim, outro ponto de destaque é a aparição da história europeia, que passa a ser mobilizada conforme sua contribuição para a compreensão de processos bolivianos. Isso se revela no segundo ano, ao passo que o feudalismo é estudado a partir da história da economia. Ele ganha espaço como pedaço da explicação do sistema econômico do passado, não se dedicando espaço expressivo na grade curricular para abordar o período conhecido como Idade Média, tratado em currículos como a BNCC, no Brasil. Sob essa mesma ótica, as revoluções europeias como a Francesa, a Industrial e o Iluminismo aparecem para explicar a influência da Europa no processo de independência na América e na democracia liberal.

Assim, na seleção de conteúdos, a História europeia deixa de ocupar uma posição central, não constituindo o eixo explicativo da narrativa histórica, o que permite espaço para que outras narrativas, que façam mais sentido ao contexto geográfico e cultural boliviano, assumam maior protagonismo na construção do conhecimento histórico.

CONCLUSÕES

Em conclusão, observa-se que as memórias do passado, historicamente silenciadas, passam a ocupar posição de destaque no currículo boliviano, contribuindo para uma identificação dos estudantes com a história boliviana e latino-americana. O documento revisita as trajetórias dos povos indígenas, evidenciando seu protagonismo histórico e reconhecendo sua agência tanto na constituição das sociedades do passado quanto na configuração da realidade contemporânea.

Dessa maneira, evidenciam-se as potencialidades do currículo boliviano para a educação nacional e latino-americana, ao favorecer que os sujeitos reconheçam a continuidade histórica entre passado e presente, permitindo o acesso dos alunos aos seus direitos à autocompreensão, fortalecendo suas identidades coletivas e a capacidade de construir futuros a partir de referências próprias. Assim, reforça-se a função do ensino de História em superar carências de orientação, produzindo sentidos aos educandos e tornando-se mais significativo e socialmente relevante.

REFERÊNCIAS

BOLÍVIA. Ley nº 070, de 20 de deciembre de 2010. Ley de la Educación – “Avelino Siñani – Elizardo Pérez”. Disponível em: http://www.minedu.gob.bo/index.php/pages/documentos-normativosminedu/233-leyes/1524-ley-avelino-sinani-elizardo-perez. Acesso em: maio 2026.

BOLÍVIA. Ministerio de Educación. Currículo Base del Sistema Educativo Plurinacional. La Paz: Ministerio de Educación, 2012.

OLIVEIRA, L. F. de; CANDAU, V. M. F. Pedagogia decolonial e educação antirracista. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n.01, p.15-40, abril. 2010.

QUIJANO, A.. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latin. In: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.